

# **GEOGRAFIA E ESTUDO DO LUGAR: A CASA DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO II – UFSM/SANTA MARIA/RS**

**Gustavo Herrmann**

Graduado em Geografia - Licenciatura Plena pela UFSM  
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSM  
E-mail: gustavo-ph@live.com

**Benhur Pinós da Costa**

Doutor em Geografia pela UFRGS  
Professor do Departamento de Geociências e Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSM  
E-mail: benpinos@gmail.com

## **RESUMO**

O trabalho envolve uma discussão sobre a Geografia Cultural, apresentando um estudo sobre o conceito de Lugar proposto por Yi-Fu Tuan, evidenciando a Casa do Estudante Dois (CEUII) da UFSM como um espaço emotivo e relacional, depósito de intenções e afetividades de seus moradores. O trabalho fará uso de mapas mentais como instrumento análise, o qual buscará experiências vividas pelos estudantes na CEUII, para entender suas relações objetivas e subjetivas com o lugar onde vivem e estão inseridos em um período de suas vidas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Geografia Cultural, Lugar, Mapas Mentais, Geografia, Casa do Estudante.

## **GEOGRAPHY THE STUDY OF PLACE: UFSM'S STUDENT HOUSE II – SANTA MARIA/RS**

76

## **ABSTRACT**

This paper addresses a discussion about Cultural Geography, presenting a study on the concept of Place proposed by Yi-Fu Tuan, showing UFSM's Student House 2 (CEUII) as an emotional and relational space, a deposit of intentions and affectivities of its residents. This work makes use of mental maps as an analysis tool, which will seek experiences lived by students in CEUII in order to understand their objective and subjective relations with the place they live and where they are inserted in a certain period of their lives.

**KEYWORDS:** Cultural Geography, Place, Mind Map, Geography, Student House.

## **INTRODUÇÃO**

### **A pesquisa**

Este trabalho foi desenvolvido durante a iniciação científica, financiado pelo Fundo de Incentivo a Pesquisa UFSM (FIPE Sênior) e posteriormente usado como subsídio para trabalho de conclusão do curso em Geografia, durante o período de 2014 e 2015. A pesquisa apresentou como proposta o estudo do lugar, evidenciando a Casa do Estudante Dois (CEUII) como um lugar de afetividade para seus moradores. Para a realização desta proposta de trabalho, foi utilizado o

desenvolvimento de mapas mentais, buscando experiências vividas pelos estudantes na CEUII, para entender suas relações objetivas e subjetivas com o lugar na qual estão inseridos.

O desenvolvimento da pesquisa que originou este artigo percebe a Casa do Estudante II como um lugar especial no conjunto de espaços de vivência da Universidade Federal de Santa Maria, em virtude de se produzir como “lar” para mais de mil estudantes universitários de diferentes idades, proveniências e condições sociais. Além do intuito de entender as representações que estes estudantes mantêm em relação a Casa do Estudante, o debate sobre este sentimento de “lar” produzido no lugar nos despertou a curiosidade, principalmente em relação as diferentes possibilidades de entendimento desta questão para diferentes sujeitos, em relação aos seus prazeres e seus temores. Assim, a pesquisa apresenta como objetivo entender a relação afetiva e sentimental que alguns moradores desenvolvem com a Casa do Estudante Universitário II da UFSM, conduzindo este estudo pelo viés da produção de representações sobre tal espaço. As representações espaciais condicionadas a sentimentos diversos em uma perspectiva de afetos e desafetos serão tratadas, assim, como estudo do lugar.

A pesquisa contou com quatro etapas de desenvolvimento: a primeira etapa foi aproximar-se dos sujeitos que poderiam desenvolver os mapas mentais, evidenciando os propósitos da pesquisa e dialogando sobre a importância do estudo do lugar, como viés de estudo das afetividades construídas na Casa do Estudante; a segunda etapa foi a construção propriamente dita dos mapas mentais, depois do trabalho de aquiescer do sujeito e negociação sobre sua disposição em construir a representação; a terceira etapa, concomitante a segunda, foi a produção de um diálogo entre pesquisado e pesquisador, a fim de entender as construções simbólicas produzidas nos mapas mentais; a quarta etapa, e final, foi produzir um discurso escrito sobre cada mapa mental, em uma aproximação entre as explicações do sujeito colaborador e a interpretação do pesquisador.

### **Recorte do estudo**

O projeto de pesquisa apresentou como recorte geográfico de estudo a Casa do Estudante Universitária (CEUII), localizada dentro da Universidade Federal de Santa Maria – RS. A CEUII foi construída em 1968, na necessidade de auxiliar estudantes de baixa renda econômica a obter moradia provisória durante a graduação (CASA DO ESTUDANTE (CEU) – SANTA MARIA, 2008). Estes estudantes beneficiados pela moradia são de diversas cidades do Rio Grande do Sul, inclusive de outros estados. Inicialmente com apenas um bloco, o 11, atualmente conta com inúmeros blocos formados por três andares, cada um deles partido do 11 até o 46, sendo destinado

para os alunos de pós-graduação o 51 e o 52. Essa grande quantidade de blocos e vagas disponíveis a estabeleceu como uma das maiores casas de estudantes do Brasil, tornando-se um ótimo subsídio para diversos alunos de baixa renda concluírem as suas graduações.

A Casa do Estudante proporciona abrigo para alunos do ensino médio (do CTISM e do Politécnico), cursos técnicos, tecnólogos, graduação, mestrado e doutorado. Cada estudante que adquire o benefício socioeconômico<sup>1</sup> tem o direito de morar pelo tempo mínimo de sua formação, mais metade do tempo que a graduação necessita para finalizar (ex: se o curso é de 4 anos o beneficiado recebe mais 2, assim tendo direito a moradia gratuita por 6 anos).

Existem três tipos de apartamentos estudantis: para duas; quatro e seis pessoas dividirem; todos estão incumbidos de divisão de quartos, excetos os blocos dos estudantes de pós-graduação, que são uma pessoa por quarto. Os apartamentos de dois lugares lembram quitinetes - pequena cozinha mais sala e quartos, com banheiro coletivo por andar de cada bloco. Os blocos para até quatro pessoas possuem dois quartos (duas pessoas por quarto), pequena sala, cozinha e banheiro interno. Os apartamentos de seis lugares possuem três quartos (duas pessoas por quarto), pequena sala, cozinha, uma pequena varanda, dois banheiros internos (apenas um com chuveiro).

Esta caracterização da Casa do Estudante é de fundamental importância para compreender a proposta da pesquisa. Merece destaque o tempo que os estudantes, em grande parte jovens - não descartamos pessoas de mais idade (30, 40 até mais anos de idade) -, passam neste lugar, que apresenta um ambiente diferente: longe de familiares e dos olhos dos adultos, é inegável a relação que os moradores adquirem com o lugar vivido.

## Metodologia

A Geografia sempre esteve associada às imagens, em primeiro momento com o sentido de transmitir informações sobre os espaços desvendados, e posteriormente como forma de comunicação/representação do espaço físico, mensurável ou do espaço vivido subjetivo, passando a ser denominados “mapas” quando os registros foram impressos num suporte plano bidimensional. (KOZEL, 2007, p. 116).

A ferramenta metodológica que será usada neste projeto de pesquisa, para facilitar a leitura e interpretação da relação dos discentes com a moradia estudantil, será a de mapas mentais. Compreendemos esta ferramenta de análise como uma forma de linguagem que reflete o espaço vivido representado em todas suas nuances, cujos signos são construções sociais. (KOZEL, 2007)

<sup>1</sup> BSE (benefício socioeconômico) nomenclatura dada para o estudante que adquire o direito a moradia da Casa do Estudante. Apresenta como pré-requisito ter renda familiar per capita inferior ou igual a 1,5 salário mínimo. E posteriormente apresentar documentos que comprovem a situação econômica da família e entrevista com assistente social se necessário.

Os mapas mentais como construções sógnicas requerem uma interpretação/decodificação, foco central desta proposta metodológica, lembrando que estas construções sógnicas estão inseridas em contextos sociais, espaciais e históricos coletivos referenciando particularidades e singularidades. (KOZEL, 2007, p. 115).

Entrando em contato com os moradores da Casa do Estudante buscando investigar suas experiências, buscamos compreender através dos mapas mentais suas relações com este (moradia estudantil) lugar. “Os mapas mentais revelam a ideia que as pessoas têm do mundo e assim vão além da percepção individual refletindo uma construção social” (KOZEL, 2007, p. 117). As vivências/experiências dos moradores na Casa do Estudante, sua relação social de grupo ou individualizada, o pragmatismo presente, a cultura que se cria neste local através das pessoas que ali vivem, geram o atributo de lugar estudado na Geografia Humanista. Sobre essa relação com o lugar, Kozel (2007) argumenta como um sentido espacial, o que não contradiz a ideia fomentadora de lugar: “o espaço não é somente apreendido através dos sentidos, ele referenda uma relação estabelecida pelo ser humano, emocionalmente de acordo com as suas experiências espaciais” (p. 117). O exercício de passar para o papel os sentimentos através de pontos, linhas, sombras, formas, resulta em um desenho que é carregado de simbologias subjetivas ao executor, “As imagens que as pessoas constroem estão impregnadas de recordações, significados e experiências” (KOZEL, 2007, p. 117).

79

A ferramenta metodológica dos mapas mentais não pode ser vista apenas como um desenho elucidado do lugar. Kozel argumenta, de forma muito eloquente, que seu uso é de grande valia na investigação humanista-cultural e social neste trecho:

As representações provenientes das imagens mentais não existem dissociadas do processo de leitura que se faz do mundo. E nesse aspecto os mapas mentais são considerados uma representação do mundo real visto através do olhar particular de um ser humano, passando pelo aporte cognitivo, pela visão de mundo e intencionalidade. A imagem de algo reflete uma construção simbólica. (KOZEL, 2007, 121).

Com os estudos humanistas na geografia, a cartografia extremamente geométrica, que é voltada quase que unicamente para estudos em relação à geografia física, passa a se interessar pelos mapas mentais, principalmente para compreender as experiências dos seres humanos em relação ao lugar em que vivem. Desta forma, este processo torna possível estudos culturais e sociais através da cartografia na Geografia.

Para decodificar os mapas mentais é apresentada a “Metodologia Kozel” (KOZEL, 2007, p. 133).

- 1- Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem;

- 2- Interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem;
- 3- Interpretação quanto à especificidade dos ícones:
  - Representação dos elementos da paisagem natural
  - Representação dos elementos da paisagem construída
  - Representação dos elementos móveis
  - Representação dos elementos humanos
- 4- Apresentação de outros aspectos particulares

A metodologia Kozel, apresenta quatro itens que nos levam a fazer a interpretação dos mapas mentais. O primeiro, quanto a sua forma - em relação às formas de representação utilizadas no desenho, com letras, ícones, símbolos, figuras etc. O segundo item em relação à distribuição - seria a espacialização dos elementos e como estão dispostos no mapa mental. O terceiro é referente aos elementos que constroem o mapa mental, podendo ser paisagem natural, construída, móveis e elementos humanos. Por fim são interpretados outros pontos que não podem ser identificados através das etapas anteriores, porém se apresentam na representação de forma mais particular (KOZEL, 2007). A proposição metodológica da autora almeja elencar elementos de observação objetiva, como produção de uma descrição dos objetos contidos no espaço representado. Pelo viés do estudo do lugar, a que nos propomos, e cujos mapas desenvolvidos primordialmente apresentam, observamos a importância “dos aspectos particulares” que remetem a uma expressão subjetiva própria do sujeito na sua relação com o lugar Casa do Estudante Universitário II. Assim, além de uma interpretação do sujeito pesquisador sobre o mapa produzido, foi necessário estabelecer um debate com o sujeito colaborador a fim de adentrar as questões relativas à sua subjetividade, nas quais representam os sentimentos de lugar. Chamamos atenção que o discurso interpretativo produzido como resultado da análise dos mapas mentais, aqui contidos, são uma condição de “interdiscurso”, ou seja, a narração dos sentimentos descritos pelo sujeito após a produção do mapa mental e a interpretação do sujeito pesquisador a partir do contato com o pesquisado.

## FUNDAMENTAÇÃO

### Geografia Cultural

A Geografia desde seu surgimento vem ampliando o campo de seus estudos. Um reconhecido pesquisador desta área foi Friedrich Ratzel. Sua obra *Antropogeographie*, foi de fundamental importância para o desenvolvimento da Geografia Humana que se constituiria ao final do século XIX.

[...]edificou a base conceitual na qual se tem estruturado desde então a Geografia Humana em seu sentido restrito, um conjunto de categorias do meio físico – ordenadas a partir de conceitos abstratos de posição e espaço até os de clima e litoral – sua influência sobre o homem. (SAUER, 1997, p. 2)

Dentro desta área da geografia humana, é tratada como um segundo campo (Sauer relata sobre dois grupos na geografia moderna, o primeira que se preocupa com o homem e sua relação com o meio e o segundo volta sua atenção para elementos da cultura material), a Geografia Cultural, que “se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem sua expressão característica” (SAUER, 1997, p. 4). Assim, Sauer se ocupava de um aspecto material da cultura, atentando a produção de artefatos culturais e sua relação com o espaço (MARTINS; SILVA, 2007). Outros geógrafos também tiveram interesse em debater as relações da cultura com o espaço. Don Mitchell irá definir a Geografia Cultural como:

[...] precisamente o estudo de como relações sociais particulares interceptam processos mais gerais, um estudo centrado na produção e reprodução de lugares, espaços e escalas reais e as estruturas sociais que fornecem significados aqueles lugares, espaços e escalas [...] (MITCHELL apud CORREIA, 2001, p.95).

Em um primeiro momento, a geografia cultural manteve como meta estudos nos aspectos materiais das culturas, o vestuário, o hábitat, os utensílios e as técnicas, ou seja, pretendia analisar os modos de existência dos grupos humanos. (ALVES; ALVES, 2008). Estes autores ainda destacam em seu artigo que a cultura é:

[...] criadora de identidades, de valores e de costumes que são incorporados dando sentido à vida individual e coletiva, tornando-se assim indispensável para compreender como se dão as relações que dominam a vida dos grupos. (ALVES; ALVES, 2008, p. 2)

Em um segundo momento, a partir da década de 70, há um crescimento de estudos referentes à cultura na Geografia, com novas influências e objetivos. Novos temas de pesquisas surgem como “a religião, a questão ambiental, a identidade espacial e a interpretação de textos e o espaço, imprimindo uma nova lógica que propõe a formação do indivíduo, à construção dos grupos e à configuração dos lugares” (CLAVAL apud ALVES; ALVES, 2008, p. 1). Os autores ainda salientam o artigo de Maria Geralda Almeida com seu trabalho intitulado “Em busca do poético do sertão: um estudo de representações”, expondo o seu trabalho da seguinte forma:

Neste artigo a autora expõe a questão do sertão nordestino, seus significados, o sertão como um espaço, uma paisagem, uma construção discursiva “o que se produz”, “que cria”, “que forma”, sertão/sertanejo enquanto paisagem e identidade. Em visões de diferentes autores, alguns que o conhecem bem de perto e outros que são considerados estrangeiros por mencionarem o sertão de forma aventureira. (ALVES; ALVES, 2008 p. 3)

A cultura dentre muitas conceituações que a possam contempla-la, terá respostas com características semelhantes para a pergunta: “o que é cultura?”. Tentando explica-la ou conceitua-la de forma mais genérica; a cultura é um conjunto de técnicas, atitudes, ideias, valores, conhecimento, formas artísticas que podem ser transmitidos/transferidas. Interessante a ideia que “algo” pode ser transferido: esse “algo” é inerente a qualquer pessoa. Possuímos e construímos conhecimento, ideias, atitudes, etc., que podem ser transmitidos/transferidos para outras pessoas ou grupos de pessoas. O meio pelo qual se é possível transferir a cultura são inúmeros, como: novelas (introduz uma forte cultura em que personagens que praticam o “mal” serão “castigados”, pela justiça ou com a morte), bandas de música (com visual estético, ideais tanto político quanto de ostentação), revistas (impondo maneiras de como se vestir), são alguns exemplos.

Mas não podemos tratar a Geografia Cultural como algo singular frente às outras geografias. Não podemos esquecer que a Geografia estuda a relação da humanidade com o espaço, neste sentido a humanidade é formada e também formadora da cultura, que transforma o espaço de maneiras diferentes.

Construir uma geografia cultural como um compartimento isolado da geografia não tem sentido: a construção duma sub-disciplina deste tipo tem um valor prático, mas o que é importante é entender o papel da cultura no conjunto dos fenômenos geográficos: daí o sentido da abordagem cultural na geografia. (CLAVAL, 2011, p. 14)

82

A Geografia cultural parte do pressuposto que, se o homem cria a cultura e ao mesmo tempo a mesma o transforma, essas transformações podem modificar tanto na singularidade de cada ser quanto a coletividade, fazendo parte também do desenvolvimento de uma identidade. Todas essas metamorfoses ocorrem sobre um espaço, que será alterado, transformado, materializado. Isto gera novas inquietações para os geógrafos, resultando novos meandros que a abordagem cultural na geografia estaria a levantar.

As ferramentas analíticas oferecidas pela abordagem cultural da geografia são usadas para interpretar a natureza das sociedades humanas. Cada grupo humano desenvolve uma cultura, no sentido que a cada momento, ele possui um conjunto próprio de práticas, atitudes, conhecimentos e crenças – mesmo se esse conjunto evolui e muda. (CLAVAL, 2011, p. 20)

E, complementando o final da citação, Claval ainda diz que a cultura “[...] aparece como uma realidade múltipla e em perpétua evolução”.

A partir das possibilidades que a geografia proporciona no estudo da cultura, para entender a relação do homem com o espaço, a pesquisa irá trabalhar com a Casa do Estudante dois como um lugar, buscando experiências vividas pelos estudantes na CEUII. Objetivamos entender as relações



objetivas e subjetivas que estes estudantes apresentam com o lugar a qual estão inseridos. Também procuramos organizar um conjunto de pontos relevantes que observam problemas e virtudes da habitação destinada aos estudantes universitários da UFSM e propor alguns aspectos que remetam a melhoria da habitação do estudante universitário da UFSM.

## Lugar

[...] a importância do “lugar” para a geografia cultural e humanista é, ou deveria ser, óbvia... Como em um único e complexo conjunto — enraizado no passado e incrementando-se para o futuro — e como símbolo, o lugar clama pelo entendimento humanista (TUAN, 1974 apud HOLZER 1996, p. 141-142).

O conceito de lugar, em comparação às demais categorias geográficas, foi a que recebeu maior atenção por parte dos geógrafos humanistas (ENTRIKIN, 1980, apud GONÇALVES, 2010, p. 17). De acordo com Holzer,

A preocupação dos Geógrafos humanistas, seguindo os preceitos da Fenomenologia, foi de definir o lugar enquanto uma experiência que se refere essencialmente ao espaço como é vivenciado pelos seres humanos. Um centro gerador de significados geográficos, que está em relação dialética com o constructo abstrato que denominamos “espaço” (HOLZER, 1999, p. 70).

É de grande importância e presença o diálogo referente ao lugar e o espaço vivido na Geografia. Segundo Holzer (1999, p. 69), “o ponto culminante do estudo geográfico é a descrição da Terra em ordem geográfica, no qual a chave está no conceito locacional de lugar”. Segundo o autor, o estudo dos lugares enfatiza o relativo, o cultural e a experiência histórica da humanidade em relação aos atributos físicos da área. Para Lukemann (apud HOLZER, 1999, p. 69), “o estudo do lugar é a matéria-prima da Geografia, porque a consciência do lugar é uma parte imediatamente aparente da realidade, e não uma tese sofisticada. Assim, o conhecimento do lugar é um simples fato da experiência”.

O estudo do lugar surge no início da década de 70 com a Geografia Humanista, tendo a linha de pensamento caracterizada “principalmente pela valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente” (LEITE, 1998, p. 9). Não se pode remeter o lugar unicamente a uma forma física materializada no espaço geográfico, mas também carregado de simbologias, de signos e de cultura em sua abrangência e nas experiências pessoais que o irão fomentar como lugar. Segundo Tuan:

[...] o lugar, no entanto, tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto 'especial', que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla



estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado. (TUAN apud HOLZER, 1999, p. 70).

Para Relph (apud LEITE, 1998), para a corrente humanista, o lugar é principalmente um produto da experiência humana e ele significa muito mais que o sentido geográfico de localização, mas a tipos de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança. E reforçando pelo texto de Leite:.

Trata-se na realidade de referenciais afetivos os quais desenvolvemos ao longo de nossas vidas a partir da convivência com o lugar e com o outro. Eles são carregados de sensações emotivas principalmente porque nos sentimos seguros e protegidos (Mello, 1990); ele tanto nos transmite boas lembranças quanto à sensação de lar (Tuan, 1975; Buttimer, 1985a). Nas palavras de Buttimer (1985b, p. 228), “lugar é o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas” (LEITE, 1998, p. 10).

Segundo Leite (1998), a relação que as pessoas têm com o lugar só irá decorrer diante do interesse de seu uso, no entanto, “essa relação de afetividade que os indivíduos desenvolvem com o lugar só ocorre em virtude de estes só se voltarem para ele munidos de interesses pré-determinados, ou melhor, dotados de uma intencionalidade” (p. 10). Desta forma, o lugar “só adquire identidade e significado através da intenção humana e da relação existente entre aquelas intenções e os atributos objetivos do lugar, ou seja, o cenário físico e as atividades ali desenvolvidas” (RELPH apud LEITE, 1998, p. 10).

84

Esta relação afetiva com lugar pode também não ocorrer. Segundo Leite (1998), uma pessoa pode ter vivido durante toda a sua vida em determinado local e a sua relação com ele ser completamente irreal, sem nenhum enraizamento. Em alguns casos, não há relação afetiva com o lugar. Segundo Tuan (apud LEITE, 1998, p. 11) “se leva tempo conhecer um lugar, a própria passagem do tempo não garante um senso de lugar. Se a experiência leva tempo, a própria passagem do tempo não garante a experiência”.

No momento que iniciamos um diálogo sobre o lugar na geografia, não podemos cometer o engano de compará-lo com o espaço, cada um tem sua orientação estrutural teórica. O lugar está presente dentro do espaço que é um todo; uma totalidade do mundo. Segundo Leite (1998) “o lugar, conforme já discutido, é recortado afetivamente, e emerge da experiência”. Segundo Tuan (1983, p. 61) “O espaço fechado e humanizado é lugar”, já o espaço seria qualquer porção da superfície terrestre, ampla, desconhecida, temida ou rejeitada e provocaria a sensação de medo, sendo totalmente desprovido de valores e de qualquer ligação afetiva. Neste contexto, o lugar está contido no espaço. No entanto, as experiências nos locais de habitação, trabalho, divertimento, estudo e dos fluxos transformariam os espaços em lugares (LEITE, 1998).

Para finalizar, resgatamos o trecho de um livro que retrata muito bem a ideia de apego/afeto com o lugar, um conto do livro “A Manhã de Um Senhor” do escritor Leon Tolstói:

- Paizinho, como podes comparar? - exclamou Tchurisenok com vivacidade, assustado com o fato de Nekliudov ter tomado definitivamente essa decisão. - Este é um lugar tranquilo e alegre, a que estamos habituados. Por aqui passa o caminho, temos um tanque em que lava minha mulher e em que bebem os animais... Estamos estabelecidos desde tempos imemoriais. Temos a nossa eira, o nosso horto... Estes salgueiros plantaram-nos o nossos pais. Minha avó e minha mãe entregaram aqui a sua alma a Deus; a única coisa que eu desejaria era terminar os meus dias nesta terra... Não peço mais, Excelência. Se te dignares arranjar-nos a isbá agradecer-te-emos muito... Mas, se o não fazes, podemos continuar na mesma. Toda a vida pediremos a Deus por ti, paizinho. Não nos tires do nosso ninho - concluiu, com uma profunda reverencia (TOLSTÓI, 1988, p. 14).

Este parágrafo do conto trata da possibilidade da família que vivia em uma “isbá<sup>2</sup>”, em péssimas condições, receber uma nova casa de alvenaria em outro local. A família descarta a ideia, pois já tem um grande apego afetivo com o lugar onde mora como local no qual os antepassados já moraram. O valor material não entra como prioridade, neste caso, mas sim o simbólico, o apego com a terra em que viveram tantos anos.

## A CASA DO ESTUDANTE COMO LUGAR

Quando compreendemos o conceito de lugar, fica mais clara a proposta do trabalho. O lugar está no espaço e pode adquirir escalas diferentes, sua orientação é subjetiva e parte da experiência de cada ser. “O lugar existe em escalas diferentes. Em um extremo, uma poltrona preferida é um lugar; em outro extremo, toda a terra” (TUAN, 1983, p. 165). É neste sentido que elementos presentes na Casa do Estudante Dois, como um sofá, um banco de praça, a sombra de uma árvore, uma área com churrasqueira e bancos, poderão ter inúmeros significados afetivos além das condições da representação social da sua própria materialidade. Quanto ao subjetivo, o banco para um sujeito poderá evocar um sentimento de afeto, trazendo em suas lembranças bons momentos que passou ali, com amigos, com alguém querido. Para outros poderá ser apenas um banco, uma churrasqueira com suas funções de objeto estático.

O próprio ato de manter algum sentimento especial por um local, de tornar lugar, advém das experiências que o sujeito desenvolve ao longo do tempo nesse espaço. Experiências boas tendem a transformar um simples objeto espacial em um lugar, o qual marca o sujeito. Por outro lado, más experiências sobre relações espaciais também podem desenvolver sentimentos relativos a lugar,

<sup>2</sup> Segundo o dicionário Priberam: “Casa rústica característica de certas zonas do norte da Europa e da Ásia, em especial da região da Rússia”. “isbá”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/isb%C3%A1> [consultado em 19 de fevereiro de 2017].

geralmente de receio, resignação, medo e afastamento. Respectivamente nessa ordem, Tuan designaria de Topofilias e Topofobias tais sentimentos. Estes assuntos que não serão aprofundados, mas mereciam destaque sobre o estudo do lugar desenvolvido por Yi-Fu Tuan.

Quando analisamos a Casa do Estudante, muitos dos seus moradores passam no mínimo um período de três a quatro anos na moradia estudantil. Outros graduandos que iniciam mestrado e doutorado tem seu tempo aumentado. Alunos que advém dos cursos técnicos e destinam-se logo para uma graduação também são exemplos de longos anos de habitação no lugar. Esse período de permanência é fundamental para criar uma relação afetiva positiva ou negativa com a moradia estudantil. Ressalta Tuan:

Mas “sentir” um lugar leva mais tempo: se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. (TUAN, 1983, p. 203)

A condição de lugar não está relacionada somente com a materialização de objetos em determinados espaços. Objetos podem ser atributos para pontos de encontro, como bancos, árvores, churrasqueiras, porém, como dito anteriormente, o lugar, sendo subjetivo a cada ser, se constrói das necessidades do sujeito: alguns precisam de certos objetos para socializar outros não. A própria existência da Casa do Estudante e o fluxo de pessoas que nela circulam proporcionam sociabilidades diversas. Neste caso Tuan argumenta

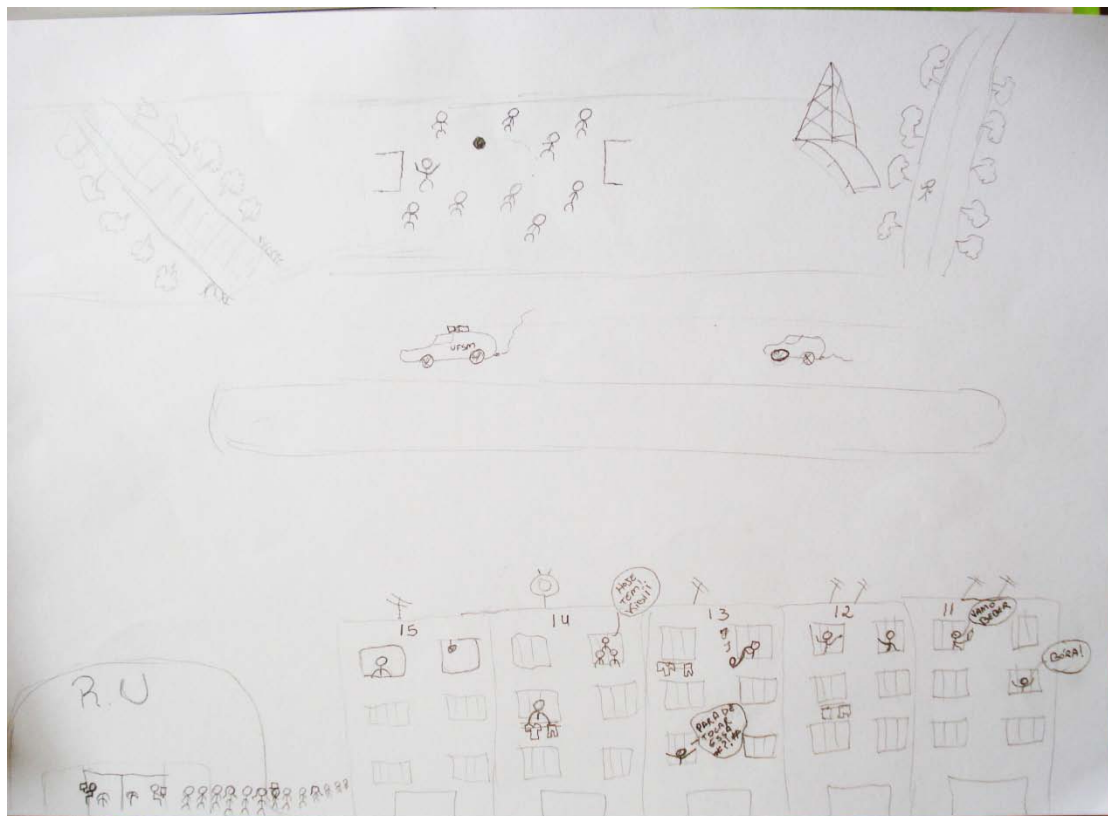
Em resumo, podes dizer que lugares muitos queridos não necessariamente visíveis, quer para nós mesmos, quer para os outros. Os lugares podem se fazer visíveis através de inúmeros meios: rivalidade ou conflito com outros lugares, proeminência visual e o poder evocativo da arte, arquitetura, cerimônias e ritos. Os lugares humanos se tornam muito reais através da dramatização. Alcança-se a identidade do lugar pela dramatização das aspirações, necessidades e ritmos funcionais da vida pessoal e dos grupos. (TUAN, 1983, p. 197)

Podemos concluir que a Casa do Estudante oferece inúmeros meios para a formação do conceito de lugar. Todavia, nem todos os moradores podem considerar a Casa do Estudante como um. Buscamos a partir dos mapas mentais decifrar as experiências e as vivências diferenciadas da Casa do Estudante, no sentido de entender a relação afetiva que os moradores podem ou não desenvolver com este lugar.

## MAPAS MENTAIS

Foram produzidos mais de quinze mapas mentais, todos por moradores da Casa do Estudante dois, estudantes de variadas graduações. Serão apresentados alguns nessa sessão com uma descrição e interpretação e sua relevância para a construção do conceito de lugar.

**Figura 1** - Mapa mental elaborado por um dos participantes.



Fonte: Arquivo pessoal – Data: 14/06/2014.

Este primeiro mapa [1] mental apresenta diversos elementos que formam a Casa do Estudante. Os objetos desse mapa mental não necessariamente estão dispostos seguindo uma orientação espacial geográfica precisa. O morador que realizou este mapa mental é morador do bloco da frente (os primeiros blocos construídos), para quem está chegando à Casa do Estudante são os primeiros blocos a serem vistos. Ao passo que o morador desenvolvia o desenho ele argumentava sobre algumas realidades referentes ao mesmo, como por exemplo, a representação da pessoa convidando a outra para beber pela janela que identifica os vizinhos mais festeiros. Outra representação refere-se a um morador que reclama do barulho do instrumento musical de outro, que provavelmente é estudante de música: ele relata dizendo que o vizinho saxofonista tem uma tendência de tocar os instrumentos aos domingos pela manhã. Também demonstra uma enorme fila

representando a situação do RU (restaurante universitário), local que efetua refeições diariamente de café da manhã, almoço e janta. O elemento do campo de futebol, ao lado dos blocos, é muito utilizado pelos moradores da casa como lazer e do qual esse morador faz muito uso.

É possível notar, através deste mapa mental, que o morador talvez não tenha tanto apego ao lugar, pois demonstra muitos elementos físicos característicos da CEUII e de necessidades para os moradores, como RU, área de lazer, carro da guarda da UFSM. Suas representações se apresentam de forma mais objetivas sobre a configuração material do lugar, na quais não elabora simbolismos mais singulares que poderiam apontar para sentimentos pessoais e elementos de afetividade. Todavia é interessante dar importância sobre alguns problemas em relação ao barulho, incompatibilidade com vizinhos e possíveis falta de áreas de lazer, além do campo de futebol.

**Figura 2** - Mapa mental elaborado por um dos participantes.



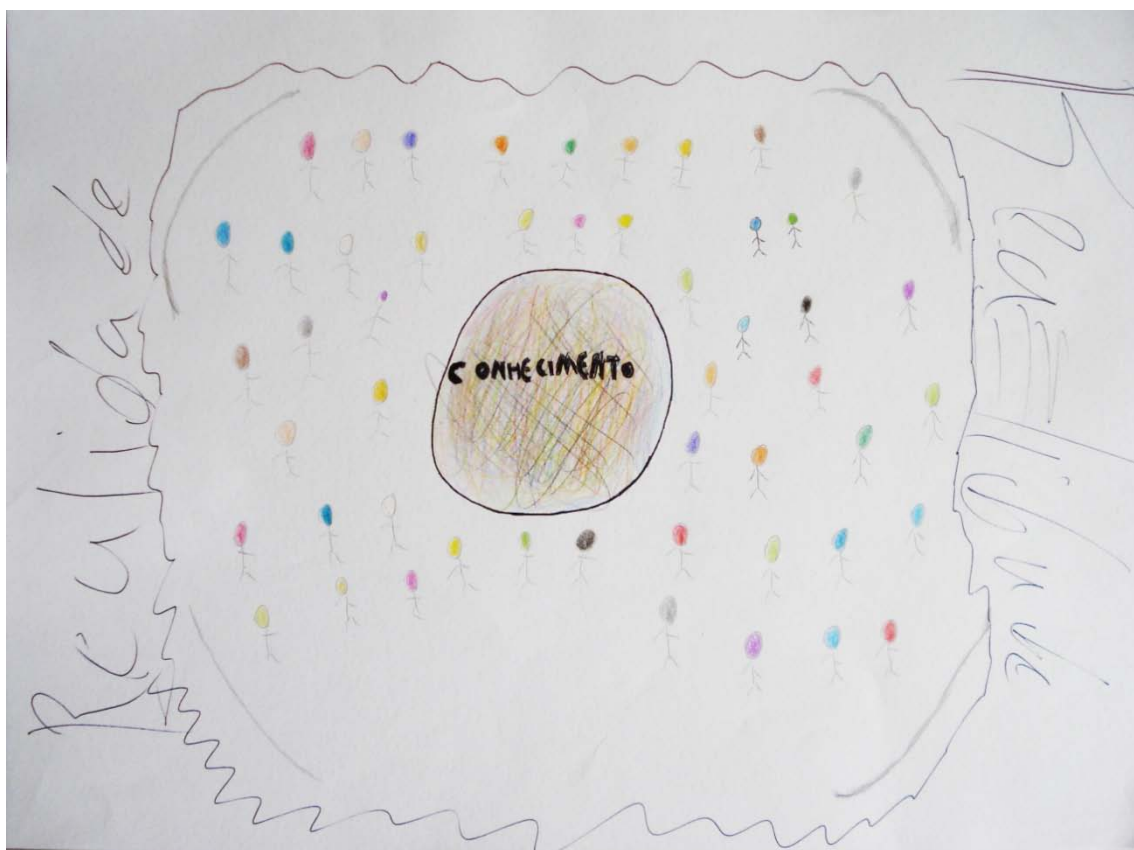
Fonte: Arquivo pessoal – Data: 13/06/2014.

O segundo mapa mental (Figura 2) já apresenta elementos diferentes e, notoriamente, mais afetivos. O morador que realizou este mapa mental falou que enxerga a Casa do Estudante e o apartamento no qual mora como um lar/casa. Ele representa o elemento coração para exemplificar o afeto que sente em morar neste lugar; afeto que desenvolve com as amizades, tanto das pessoas com

quem divide apartamento, como outros moradores da Casa do Estudante. O próprio colorir pode representar a atenção em demonstrar o carinho que sente ao viver nesse espaço.

Quando remetemos em nossas vidas a nossa casa/lar de nascença como um ambiente de afeto, que apresenta a presença de nossos pais, um familiar ou alguém responsável, que ao longo de nossa criação vivenciamos inúmeras experiências de diferentes pesos e medidas, por anos e anos, romper com esse lugar de vivência poderá significar perdê-lo? Claro que não, no decorrer de nossa vida surgirão outros lugares que nos marcarão e também permanecerão nas lembranças. O mapa mental o qual observamos “aqui”, elucida e recria com palavras e símbolos, o afeto criado com a Casa do Estudante que evidencia um novo momento de reconstrução do sentimento de lar por este sujeito.

**Figura 3** - Mapa mental elaborado por um dos participantes.



Fonte: Arquivo pessoal – Data: 12/06/2014.

O terceiro mapa mental é representando de outra forma, totalmente diferente das outras duas já vista neste trabalho. Salientamos também como diferenciado de qualquer outro que fora feito em nossa experiência de pesquisa. Foi um dos primeiros mapas a ser criado e, ao momento que fora recolhido, após sua execução, despertou o interesse e a curiosidade, pois sua representação é muito peculiar. Quando perguntado ao autor, ele explicou que na Casa do Estudante existem diversas

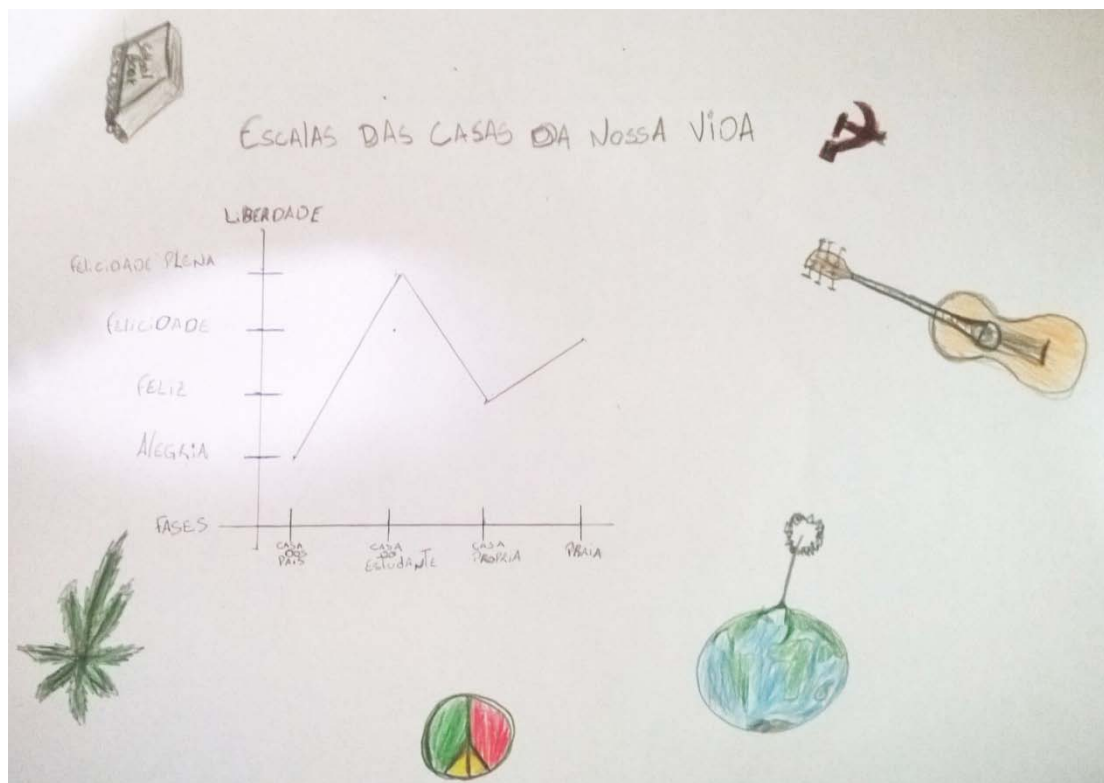


peessoas, diversas culturas, e cada cor serviria para representar esses diferentes tipos singulares de sujeitos moradores da casa. Ao centro onde está escrito “conhecimento”, o qual é formado por todas as cores, representando a atividade social de troca - de informações, culturais, a socialização. Ao centro, para ele, todas as “cabeças” se misturam, constituindo um espaço de aprendizado conjunto. O autor também cerca os moradores, escrevendo realidade em ambas laterais do mapa mental, querendo demonstrar que a Casa do Estudante é um lugar diferente de, como ele mesmo diz, “lá fora”: uma “bolha” na qual se possui uma vivência interna diferenciada do seu exterior, o mundo real.

Existem mundos dentro de outros mundos? Sabemos que existe o espaço e nele é possível se dar a ideia de lugar. Um sujeito ao fazer as reflexões sobre o conjunto de trocas de conhecimentos que este lugar específico proporciona em suas convivências apresenta uma avaliação sobre existir uma “realidade” fora desse lugar. A realidade exterior apresenta-se como um mundo mais rude no qual este prazer da partilha e da solidariedade é mais raro. Portanto, perguntamos: o seu vínculo afetivo talvez tenha atingido o ápice do conceito de lugar? Lugar seria outro mundo? Bom, é o mundo dele, é o lugar dele, e foram suas experiências (externas e internas à Casa do Estudante) na casa que o levaram a ter as reflexões representadas. Indagamo-nos, ainda, sobre outra questão: e o apego? Ora, o croqui pode não apresentar sentimentos como observamos no mapa mental anterior, mas seria errôneo da nossa parte dizer que não é um lugar ou que não existe um vínculo com uma conexão profunda entre o sujeito e Casa do Estudante. A representação de lugar é apresentada aqui como um contexto espacial singular de relações sociais e de aprendizado conjunto, que protege o sujeito de um mundo exterior competitivo e individualista. O lugar (interioridade) da partilha e das diferentes situações de aprendizado e produção de conhecimento representa o elemento primordial de sua afetividade, racionalizada em relação ao seu contexto atual de vida: sua condição de estudante.



**Figura 4** - Mapa mental elaborado por um dos participantes.



Fonte: Arquivo pessoal – Data: 14/06/2014.

Este é outro mapa mental bem peculiar, representando de uma forma mais gráfica. O autor é participante da direção da CEUII, que é responsável pela administração da Casa do Estudante. Esta forma peculiar de representação tem correlação com ao cargo exercido na diretoria? Possivelmente, pois ele enxerga o lugar Casa do Estudante por um viés analítico. É possível notar sua escala de “felicidade” em relação a outros tipos de moradias possíveis e, inclusive, a própria casa dos seus pais. O gráfico aponta com o maior nível de felicidade, como a “felicidade plena”, estar na Casa do Estudante. O grau de apego a este lugar supera a ideia de casa própria e a casa dos próprios pais - um local familiar que poderia ter uma tendência de maior proteção. Os simbolismos representam elementos presentes que lembram a Casa do Estudante e que fazem parte da relação do morador com a moradia e sua graduação.

Se em algum momento pudéssemos afirmar que a nossa casa familiar - onde se deu nossa criação, desde a fase de engatinhar, perpassando os primeiros passos, o primeiro tombo, até o momento que a deixamos, para viver em outro local, no início de uma vida adulta - seria um lugar de máximo apego afetivo, a partir de agora não podemos mais. O mapa mental apresenta a Casa do Estudante, segundo o autor do mesmo, como um lugar de “felicidade plena” alcançada por esse

sujeito. A ideia de lugar novamente se concretiza. Os símbolos e os signos que o mapa mental apresenta nos possibilitam captar e interpretar a relação que o sujeito desenvolve com a Casa do Estudante, levando-o a criação do lugar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento deste trabalho foi possível notar a forma subjetiva que os moradores da Casa do Estudante desenvolvem com o lugar onde vivem. Os mapas mentais através de seus elementos, sua organização e construção, demonstram suas visões peculiares e diferenciadas frente ao lugar que passam parte de suas vidas.

Os mapas mentais demonstram as diversas maneiras possíveis de representar o lugar, tanto na sua forma física material, com objetos que estão visíveis ao olhar e presente no espaço; como na forma imaterial - possibilitando evocar elementos afetivos que estão ligados a psique humana. Através da ferramenta metodológica dos mapas mentais também foi possível notar algumas problemáticas relacionadas à Casa do Estudante, referente ao barulho de vizinhos, incompatibilidade com os mesmos, poucas áreas de lazer. Por outro lado, foi possível notar que no período que os moradores vivem na Casa do Estudante desenvolvem formas diferentes de sentimentos pelo lugar, assim como o quanto as experiências tecidas lá são positivas para seu desenvolvimento como sujeito social, principalmente na interação com uma diversidade de outras pessoas, de diferentes interesses e procedências, construindo diferentes sociabilidades.

92

## REFERÊNCIAS

ALVES, B. F; ALVES, D. F. **Geografia Cultural**: da sua gênese ao contexto das contribuições atuais. In: 4 Semana do Servidor e 5 Semana Acadêmica. Universidade Federal de Uberlândia: Uberlândia, 2008.

CASA DO ESTUDANTE (CEU) – SANTA MARIA. **História da Casa**. Santa Maria, 2008. Disponível em: <[http://w3.ufsm.br/ceu2/site/?page\\_id=41](http://w3.ufsm.br/ceu2/site/?page_id=41)>. Acesso em 15 de julho de 2015.

CORREA, R. L.. Resenha. **Espaço e cultura**, URJ, RJ, n. 11 e 12 p. 95-96, jan/dez 2001. Resenha de: MITCHELL, D. *Cultural Geography – A critical introduction*, Oxford: Blackwell 2000.

CLAVAL, P. C. C. Geografia Cultural: um balanço. **Geografia**, Londrina, v. 20, n. 3, p. 005-024, set./dez/ 2011. <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia>> Acesso em: 20 de setembro de 2014

GONÇALVES, L. F. **O estudo do lugar sob o enfoque da geografia humanista**: um lugar chamado Avenida Paulista. 2010. 267 f.. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2010.

HOLZER, W. A. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ/NEPEC, n. 3, p. 8-19, 1996.

\_\_\_\_\_. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 67-78, jul.-dez., 1999.

KOZEL, S.. Mapas mentais - uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, S. [et al] (orgs.). **Da percepção e cognição a representação**: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

LEITE, A. F. O Lugar: Duas Acepções Geográficas. **Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ**. Volume 21, 1998.

MARTINS, J. M. B.; SILVA, G. H. de A. A história oral como conhecimento aplicado na pesquisa em geografia cultural. In: **Colóquio Nacional Do NEER**, 02., 2007, Salvador: UFBA, 2007. Disponível em: <[http://www.neer.com.br/anais/NEER-2/Trabalhos\\_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20GustavoHenriqueAbreuSilva.ED3IV.pdf](http://www.neer.com.br/anais/NEER-2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20GustavoHenriqueAbreuSilva.ED3IV.pdf)>. Acesso em: 21 set. 2014.

PRIBERAM – Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/>>. Acesso em 14 de outubro de 2015.

SAUER, C. Geografia Cultural. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n.3, p.01-07, 1997.

TOLSTÓI, L. **Manhã de um senhor**. Local: América do Sul, Minha, 1988.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983.